Dr. Dave Mathewson, Apocalipse, Aula 24, Apocalipse 18:9-19:10, O lamento e a alegria acabaram

A Queda da Babilônia

© 2024 Dave Mathewson e Ted Hildebrandt

Este é o Dr. Dave Mathewson em seu curso sobre o livro do Apocalipse. Esta é a sessão 24, Apocalipse capítulo 18:9-19:10, O Lamento e Alegria pela Queda de Babilônia.

Nos versículos 9 a 19 do capítulo 18, dissemos que encontramos o lamento e o luto muito parecidos com o luto e os lamentos dados em resposta à queda de Tiro no capítulo 27 de Ezequiel.

Agora encontramos o luto e o lamento daqueles que cooperaram com Roma e daqueles que partilharam e participaram na sua riqueza e no seu sistema económico e agora o luto por causa da queda, significando, como mencionámos, a sua morte e significando que a sua fonte da riqueza foi cortada. Portanto, eles não choram por causa dos seus pecados, mas por causa da queda de Roma e de como isso os afeta. O que descobrimos é que os lamentos e o luto serão atribuídos a três grupos diferentes no capítulo 18, versículos 9 a 19.

O primeiro grupo será o lamento dos reis da terra nos versículos 9 e 10. O segundo grupo será o lamento dos mercadores nos versículos 11 a 17. E finalmente, o grupo que dominou o oráculo de Tiro em Ezequiel. 27 é o grupo de navios ou aqueles que são proprietários de navios e estão envolvidos no comércio através do comércio através da indústria naval. Você encontrará o lamento deles nos versículos 17 a 19 como grupo final.

E você notará, também, que isso atinge o clímax no grupo final exatamente na maneira como eles respondem. Mas começando nos versículos 9 e 10, o lamento dos reis da terra e duas razões pelas quais eles lamentam nesta seção é o número um, eles cometeram adultério com Babilônia Roma, e já vimos que isso não é adultério físico, embora alguns comentários entendam dessa forma. Provavelmente isso não é adultério físico, embora não signifique que eles não o fizeram, mas sim que deveriam entender isso em termos de participação em sua riqueza e em sua idolatria.

Vimos que Roma, como prostituta, fez com que outras nações cometessem adultério com ela, envolvendo-as nas suas práticas económicas, onde se tornaram excessivamente ricas e desfrutaram do seu consumo pela riqueza, e desfrutaram de riqueza excessiva devido à sua associação com Roma. . Esta é a segunda razão pela qual viveram no luxo. Eles enriqueceram com a riqueza de Roma e agora choram

porque esse fornecimento foi cortado, por assim dizer, por causa do julgamento de Deus em Roma.

O facto de estarem distantes provavelmente sugere o seu desejo de evitar o julgamento que agora recai sobre Roma. Observe também que eles respondem na forma de ais, o que já vimos com os julgamentos das trombetas no final do capítulo 8. Ao introduzir os três últimos julgamentos das trombetas, eles foram chamados de ais. As desgraças são proferidas por causa do julgamento que está por vir, ou que está por vir sobre uma nação.

Portanto, o ai é um termo de luto por causa do julgamento que agora veio sobre a cidade de Babilônia, Roma. Então esses são os reis da terra. Os reis da terra são aqueles que se tornaram excessivamente ricos com a riqueza de Roma.

São eles que estão captando a linguagem do capítulo 7. Eles cometeram adultério com a prostituta e agora choram diante do julgamento dela. Nos versículos 11 a 17, somos apresentados ao segundo grupo, o lamento dos mercadores. E provavelmente aqui o autor depende especialmente de Ezequiel capítulo 27, que no versículo 27, mas também de 30 a 32, dissemos que Ezequiel 27 é o lamento por focar especialmente naqueles que realizavam o comércio na indústria naval, agora de luto por causa da queda e o julgamento sobre a cidade de Tiro.

Mas quero que você observe que no capítulo 27 e versículo 27, ele descreve sua riqueza, mercadorias e mercadorias, seus marinheiros, marinheiros e construtores navais, seus mercadores e todos os seus soldados e todos os outros a bordo. E então também dos 30 aos 33, eles levantarão a voz e clamarão amargamente. Eles vão raspar a cabeça por sua causa.

Eles se vestirão de saco e chorarão por você com angústia e luto amargo, enquanto lamentam e lamentam por você. Eles vão lamentar a seu respeito. Quem já silenciou como Tiro, rodeado pelo mar? Quando as tuas mercadorias saíam pelos teus mares, fartaste muitas nações com a tua grande riqueza e as tuas mercadorias; você enriqueceu os reis da terra.

Então observe que mesmo aí você tem os três grupos, embora eles não estejam separados como estão em Apocalipse, e você tem os reis da terra. Você também tem os comerciantes. E então, finalmente, você tem os armadores e aqueles envolvidos na indústria naval.

E todos esses três fornecem os modelos para os três grupos que choram agora em Apocalipse 18. E agora somos apresentados aos comerciantes com base em Ezequiel 27. E a razão do seu luto nos versículos 11 a 17 é semelhante.

E isso significa que a sua busca egoísta e o seu desejo egoísta pela riqueza foram agora eliminados porque a fonte da sua riqueza, que era o comércio em associação com Roma, cessou agora devido à destruição de Roma. Observe a lista de cargas. E é interessante aqui.

Este é o único lugar onde João compõe uma extensa lista de luxo, que também tem antecedentes do Antigo Testamento. Mas parece-me que João também o adaptou para se adequar às mercadorias e cargas precisas que teriam sido importadas para Roma. E agora a imagem é de comerciantes que enriqueceram ao participar na importação destes artigos luxuosos para Roma.

Muitas dessas coisas são itens luxuosos que só estariam disponíveis e poderiam ser adquiridos pelos ricos. Alguns deles, como o trigo e os grãos, teriam sido alimentos básicos para o consumo de todos. Mas, no capítulo seis, vimos em muitos momentos da história de Roma que mesmo isso teria sido inacessível para as pessoas normais e até mesmo para as pessoas pobres.

E só com o seu preço inflacionado seria acessível apenas aos ricos. Mas esta lista de cargas é muito interessante. Creio que esta lista de carga nos versículos 12 e 13 é outra indicação de que João vê a Babilônia principalmente como a cidade de Roma.

Como tudo isso você pode ler na maioria dos comentários, não quero entrar em detalhes sobre o que exatamente são esses itens, mas você pode ler em praticamente qualquer comentário a descrição deles e até mesmo a conexão com Roma e o fato de que todos estes foram importados por Roma. A maioria deles era lucrativa no negócio comercial, coisas que teriam sido lucrativas para os comerciantes e teriam sido valorizadas pelos membros da elite da cidade de Roma. Assim, esta lista apoia o retrato de Roma como uma cidade inclinada à riqueza excessiva e ao luxo excessivo e uma cidade caracterizada pela sua sede e desejo por bens materiais, que é exactamente o que João critica Roma.

Mas os comerciantes são agora retratados como também enriquecendo com essas cargas. Mas agora que Roma foi destruída, e agora que a Roma Babilônica foi destruída, eles já não são capazes de viver luxuosamente da riqueza de Roma. Na verdade, há um elemento surpreendente, dois elementos para os quais quero chamar sua atenção nesta lista, mas um é meio surpreendente.

Observe, por exemplo, a menção ao ouro, à prata e às pedras preciosas, e também ao linho fino, e à púrpura, e à seda, bem como às pérolas. Dupla, número um, a imagem do linho roxo e também do ouro e das pedras preciosas remonta à descrição da prostituta. Então isso significa que esse é um tipo de vestimenta de prostituta.

Mas também, mesmo no capítulo 17 e nos versículos 1 a 3, a descrição da prostituta vestida com roupas roxas, ouro e pedras preciosas também refletia não apenas o

traje da prostituta, mas também a exibição ostensiva da riqueza de Roma. E agora vemos isso repetido aqui. Mas, além disso, já notamos em conexão com a descrição da prostituta, isto também antecipa a descrição da Nova Jerusalém em Apocalipse 21, que é adornada com ouro precioso e jóias preciosas, tem portões de pérolas e também é retratada como uma noiva adornada para seu marido.

Então toda essa riqueza antecipa isso. Mas o que é bastante interessante é que o último item está no meio da sugestão, e observe como ele se move de coisas inanimadas como ouro, prata e joias para especiarias e produtos de madeira, e também, finalmente, para produtos de tecido e coisas assim, e depois, produtos alimentícios como petróleo e trigo. Mas então passa para coisas vivas, como gado, ovelhas, cavalos e carruagens.

E no meio disso, inclui também os corpos e as almas dos homens. Muito provavelmente, este elemento adicional reflecte o comércio de escravos, que era uma parte significativa da economia de Roma. E tem havido todo tipo de estimativas quanto à extensão da escravidão em Roma.

Alguém poderia se tornar um escravo através de vários meios. Uma delas era que uma das razões pelas quais alguém poderia se tornar escravo era vender-se como escravo por causa de dívidas. Outra razão seria que quando Roma conquistasse um território, os escravos seriam importados.

Portanto, isto não é escravatura racial, mas, curiosamente, escravatura de talvez até pessoas das províncias de Roma que agora importaram como escravos. É interessante que eles estejam incluídos no grupo de ovinos e bovinos, como se os corpos humanos notassem a menção de corpos humanos, como se os corpos humanos fossem agora tratados como mercadorias a serem comercializadas por luxo e por benefícios financeiros, da mesma forma que bovinos e ovinos fariam como bem. Mas João acrescenta almas humanas, talvez para deixar claro exatamente o que está acontecendo.

No final desta lista de coisas negociadas, os corpos não são apenas mais uma mercadoria, mas John diz que são na verdade almas humanas. Mas Roma está agora a tratá-los como simplesmente mais uma mercadoria a ser comercializada ou importada para que possam ganhar riqueza. Então você está entendendo esta imagem, embora não seja proeminente, ainda é uma parte importante da economia de Roma que sua economia seja conquistada às custas do resto do império e do mundo.

Eles estão a tornar-se ricos e luxuosos ao explorarem outras nações e até explorarem as suas próprias províncias para que Roma possa aumentar em riqueza e satisfazer a sua luxúria e desejo de luxo excessivo. Tal como os reis da terra, eles choram porque

a sua fonte de riqueza, esta lista de carga, foi removida. E observe novamente a linguagem do versículo 14, o fruto dos seus desejos.

Assim, Roma é retratada como cobiçosa, desejando luxo e riqueza, e agora que isso foi removido, o sistema económico egoísta e a riqueza de Roma foram destruídos. Isto é, Roma existiu como vimos para servir a si mesma e até ao ponto de explorar e prejudicar outras nações, mesmo dentro das suas próprias províncias. Agora, este grupo também está à distância porque, tal como os reis da terra, a imagem é provavelmente que eles temem o julgamento.

Eles não querem participar de seu próprio julgamento. E agora eles pronunciam desgraças sobre a cidade da mesma forma que os reis da terra fizeram. Então você notará que o que acontece em todos os três grupos é que todos os três grupos irão, e vimos que nos dois primeiros grupos, isso envolverá seu lamento e luto por Roma por causa do que perdeu devido à derrota de Roma. destruição.

Ele emitirá um ai por sua destruição e, em seguida, geralmente uma representação deles distantes, para não serem envolvidos em sua destruição e julgamento. O versículo 16 é então da resposta dos mercadores ou dos reis da terra; O versículo 16 sugere que eles clamem: Ei, ei, ei, ei, oh, grande cidade vestida de linho fino, púrpura e escarlate, brilhando com ouro, pedras preciosas e pérolas. Novamente, referindo-se à natureza luxuosa de Roma, referindo-se ao versículo 17 4 e como a prostituta foi retratada.

Então, claramente, a ideia é que estes são os que foram seduzidos por Roma, que foram apanhados e seduzidos a cometer adultério com Roma ao estarem envolvidos no seu sistema económico ímpio e idólatra, que é concebido exclusivamente para o benefício de Roma e dos seus próprios sede e desejo de riqueza e luxo excessivo. E agora, estes mercadores aqui são aqueles que cometeram adultério com Roma ao partilharem a sua riqueza. E então, em uma hora, a grande riqueza foi arruinada.

Então, provavelmente uma hora novamente, demonstrando aqui a repentina, a rapidez e a natureza repentina da destruição da Babilônia Roma. Não é uma palavra literal sugerindo que levou apenas uma hora para destruí-lo, mas uma hora, o valor simbólico de sugerir rapidez e rapidez como caracterizando a destruição da Babilônia Roma. O grupo final, o último e terceiro e último grupo, é o lamento dos armadores nos versículos 17 a 19.

Já anotamos e lemos duas vezes, uma vez na íntegra, mas algumas seções de Ezequiel 27, os oráculos contra Tiro em Ezequiel, que desempenham um papel significativo aqui. A menção aos armadores e aos envolvidos no comércio através da indústria naval está agora por trás da menção de João aos envolvidos no transporte marítimo que enriqueceram com negócios marítimos em associação com Roma. Agora, eles também observam o efeito devastador da destruição de Babilônia.

E esse, aliás, parece ser o foco principal do terceiro. Como eu disse, este terceiro parece ser um pouco mais intenso porque João pega a linguagem de Ezequiel 27 e dos versículos 28 a 33 de certas pessoas que se vestem de saco e jogam pó sobre si mesmas e até rolam no pó em luto por a queda da Babilônia. Portanto, o tema principal desta secção parece ser o efeito completamente devastador que a queda de Babilônia tem agora sobre aqueles que dela dependem.

E isto é demonstrado pelo facto de agora atirarem pó sobre as suas cabeças, o que provavelmente não é um sinal de arrependimento, mas simplesmente um sinal de tristeza e luto. Portanto, essas pessoas não devem ser retratadas como arrependidas, embora colocar pó e cinzas em sua cabeça em outro lugar seja um sinal de arrependimento. Aqui, como em Ezequiel 27, é simplesmente um sinal de luto e tristeza, não pelos pecados de alguém, mas pela queda da cidade na qual eles enriqueceram.

Portanto, esta tripla repetição de enlutados que lamentam a morte de Roma é mencionada aqui, e talvez eles tenham sido divididos em três devido à ênfase na natureza repetitiva de três grupos diferentes que sugerem isto, mas todos eles enriqueceram à custa de Roma, e agora perderam a fonte da sua riqueza. Então todos eles ficam sentados ou de pé observando o julgamento de Roma, agora derramando lamentos de tristeza e pronunciando desgraças sobre a cidade enquanto estão distantes. Tudo isto pretende aumentar o julgamento de Roma, demonstrando os seus efeitos sobre aqueles que dele beneficiaram.

Ou seja, quem cometeu adultério cometeu adultério com a cidade de Roma. Aqueles que Roma seduziu a participar na sua riqueza e a enriquecer com Roma e o seu comércio. Agora, isso se refere a este texto, embora, curiosamente, as traduções em inglês não façam uma pausa aqui, então você meio que perdeu isso, mas há uma quebra clara que deveria ocorrer no capítulo 18, no versículo 20, ou algum tipo de pausa. deveria ter lugar porque agora temos um claro contraste entre as desgraças e os lamentos dos três grupos que enriqueceram à custa de Roma e que agora lamentam a sua destruição e julgamento.

No versículo 20, você é agora apresentado a um grupo de santos que, por outro lado, no versículo 20, se regozijam com a queda de Roma. Assim, os três grupos de reis da terra, mercadores e armadores, não são os únicos grupos que respondem à queda de Roma. Eles respondem com luto porque enriqueceram e foram eles que foram seduzidos pela economia romana para enriquecer com ela.

Mas agora você tem outro grupo respondendo à queda de Roma, Babilônia Roma, e esse é o dos santos no versículo 20. Diz: Alegra-te sobre ela, ó céu. Alegrai-vos, santos, apóstolos e profetas.

Deus a julgou pela maneira como ela tratou você. Curiosamente também, o capítulo 18 descreve basicamente na terceira pessoa os diferentes grupos. Aqui está o que os reis da terra fizeram, e os mercadores fizeram isso, e aqui está o que os armadores fizeram.

Agora, no versículo 20, muda para uma segunda pessoa, onde o céu, os santos, os apóstolos e os profetas são abordados diretamente, e eles agora são ordenados a se alegrar porque Deus julgou Babilônia e os vingou. Portanto, o versículo 20 é meio enfático, então deveríamos ver uma pequena mudança entre os versículos 19 e 20, com agora a resposta dos santos sendo um pouco mais significativa e destinada a se destacar em nítido relevo contra a resposta dos mercadores ao queda de Roma. É intrigante, porém, que no versículo 20 o autor pareça retomar Jeremias 51 novamente.

João começa com Jeremias 51 bem no início do capítulo, especialmente no versículo 4. Provavelmente está por trás da ordem de fugir da Babilônia. Mas vimos que João se afastou de Jeremias porque queria criticar Roma por causa das suas práticas econômicas, da sua idolatria e, particularmente, das suas práticas sedutoras de seduzir as nações a participarem na sua riqueza. E para isso, João recorreu a outro oráculo, isto é, os oráculos contra Tiro, que condenaram Tiro pelo seu comércio e pelo seu luxo e riqueza excessivos, exatamente aquilo pelo que João quer criticar Roma.

Então João foi até Ezequiel, particularmente no capítulo 27, para seu retrato de Roma e sua crítica. Mas então, no capítulo 51, versículo 48 de Jeremias, lemos que o céu e a terra e tudo o que neles há gritarão de alegria sobre Babilônia, pois do norte foram atacados destruidores. Portanto, observe a menção do céu e da terra gritando de alegria ou regozijando-se sobre a Babilônia em Jeremias 51 versículo 48.

Isso parece estar por trás do versículo 20, onde o céu e todos os santos e profetas estão agora regozijando-se e são chamados a regozijar-se com a destruição da Babilônia. Assim, a resposta dos santos ao julgamento de Babilônia foi vingar o seu sangue e clamar por alegria. Agora, João voltou ao seu modelo primário de Jeremias, capítulo 51, que descreve o julgamento de Babilônia. Assim, isto leva-nos ao fim das várias respostas à queda de Babilônia, uma delas negativa pela resposta daqueles que foram seduzidos a envolverem-se nos ganhos ilegítimos e ilícitos de Roma através das suas práticas econômicas.

E agora no versículo 20, o completo oposto, a resposta dos santos, que Deus agora agiu para vindica-los, para vingá-los, agora julgando Babilônia Roma e assim os santos se regozijam. O capítulo termina nos versículos 21 a 24 com um resumo final da devastação e dos efeitos devastadores da Babilônia. E mais uma vez em 21 e 24, parecemos estar temporariamente fora de serviço.

Isso é de 21 a 24 e parece ser uma antecipação da queda da Babilônia. Portanto, temporariamente, os dias 21 a 24 podem ocorrer antes dos versículos 9 a 19, o que pressupõe claramente que Babilônia já caiu. Agora você tem todas as pessoas ao seu redor lamentando e lamentando sua queda.

Agora, os versículos 21 a 24 parecem levá-lo temporariamente de volta antes da queda da Babilônia, mas, ao mesmo tempo, desempenham um papel significativo na interpretação adicional da devastação da Babilônia e seus efeitos. E provavelmente descrevendo ainda mais a base para o regozijo dos santos no versículo 20. Portanto, os versículos 21 a 24 parecem descrever ainda mais a razão pela qual os santos se regozijam como no versículo 20.

E então tudo realmente começa com um ato profético. Às vezes, em textos proféticos, você vê os profetas realmente engajados em um tipo de ato que tem significado simbólico. E um deles é encontrado mais uma vez em Jeremias, capítulo 51.

Em Jeremias 51, o modelo que João tem usado para retratar globalmente a queda no julgamento da Babilônia histórica, e João baseou-se nisso várias vezes. Agora no capítulo 51 e versículo 63, encontramos um ato profético interessante ou ação profética que tem significado simbólico. E aqui está no versículo 63.

Começarei no versículo 62. Então diga: Ó Senhor, você disse que destruirá este lugar, Babilônia, para que nem homem nem animal vivam nele. Será desolado para sempre.

Quando terminar de ler este pergaminho, amarre uma pedra nele e jogue-o no rio Eufrates. Então diga, a Babilônia afundará para não mais se levantar. Por causa da calamidade que trarei sobre ela, o seu povo cairá.

Isso fornece um modelo para o que acontece aqui no versículo 21: um anjo poderoso. Você não encontra um pergaminho amarrado a ele, mas um anjo em uma espécie de ato simbólico, um ato simbólico profético, pega uma pedra de moinho e a joga no mar. E então, assim como você encontrou em Jeremias 51, o anjo interpreta isso e diz, com tanta violência, a grande cidade também será derrubada e nunca mais será encontrada.

Portanto, este ato simbólico por parte do anjo de Jeremias 21 é entendido como uma atividade simbólica ou representação simbólica da derrubada da Babilônia, da própria Roma. Então você pode ver o que John está fazendo. Ele está demonstrando que a queda histórica da Babilônia tipologicamente agora é retratada como a queda de uma nova Babilônia, e essa é a cidade de Roma e o Império Romano.

E os versículos 22 e 23 então, 22 e 23 descrevem ainda mais o resultado disso. E isso é tudo que faltarão sinais de vida na Babilônia. Esta é uma forma de demonstrar mais

uma vez que todas as coisas comuns da vida que você ouviria, o tocar de flautas e harpas e casamentos, o moer de uma pedra de moinho, moer grãos, todas essas coisas, a luz de uma lâmpada que você veríamos nas casas, tudo isso será extinto.

Tudo isso desaparecerá como outra indicação da extensão e da natureza completa da destruição da Babilônia. Mas observe que os capítulos 23 e 24 terminam recapitulando as razões da queda de Babilônia. Primeiro, os seus mercadores eram os grandes homens do mundo.

E pelo seu feitiço, todas as nações foram desencaminhadas. Nela foi encontrado o sangue dos profetas e dos santos e de todos os que foram mortos na terra. Então, antes de tudo, observe a menção aos grandes homens, o que provavelmente sugere a sua arrogância e a sua auto-glorificação em oposição direta ao louvor, adoração e glória que só Deus merece nos hinos articulados nos capítulos quatro e cinco do Apocalipse.

Assim, mais uma vez, a arrogância e a autoglorificação irrigam a autoridade e o poder divinos, reivindicando para si o que pertence somente a Deus. Este é o primeiro crime de que Roma e as nações que nele participam são agora culpadas. A segunda é que sua magia ou feitiçaria desencaminha as nações e quão literalmente devemos aceitar isso ou não.

O ponto principal de repetir o que João já criticou Roma nos capítulos 17 e 18 é que Roma seduziu outras nações a cometerem adultério com ela. Ela é culpada de enganá-los e aprisioná-los em suas idolatrias e práticas econômicas enganosas, sedutoras e sedutoras. E então, finalmente, ela também é responsável pelo sangue do povo de Deus.

Ou seja, já vimos esse tema. Ela é culpada de violência. Ou seja, ela está embriagada com o sangue dos santos.

Ela é culpada do sangue daqueles que ela perseguiu. Provavelmente também refletindo Jeremias 51 e 49. Observe como isso termina.

Não é apenas o sangue dos santos, mas de todas as pessoas na terra que foram mortas por causa dela. Mais uma vez, retratando Roma como um império que espalha o seu domínio através da violência, que mantém a sua paz, mantém o seu domínio, mantém a sua economia através da violência. Jeremias capítulo 51 e versículo 49 é provavelmente o texto em que João se baseia.

Babilônia deve cair por causa dos mortos de Israel, assim como os mortos em toda a terra caíram por causa de Babilônia. Portanto, observe em Jeremias 51 e 49 que Babilônia é culpada de matar o povo de Deus, Israel, bem como aqueles na terra. E

agora Apocalipse 18 termina com o sangue dos profetas e dos santos dos quais Roma é culpada, mas também daqueles que foram mortos na terra.

Então, para concluir o capítulo 18, basicamente 18 é um chamado para os santos se alegrarem com a queda da Babilônia, com o julgamento da Babilônia. Porque a queda de Babilônia demonstra a justiça do julgamento de Deus ao vingar o sangue dos santos ao vindica-los. Mas o autor ao mesmo tempo descreve a base para o julgamento e queda de Babilônia, o que deveria causar alegria aos santos, dando-nos pelo menos três razões para a queda de Babilônia.

Articulado nos capítulos 17 e 18. O número um é que Babilônia se glorifica. Babilônia, Roma se apresenta como Deus.

Babilônia, Roma afirma a autoridade que pertence somente a Deus e recebe a adoração e a glória que somente Deus merece. Capítulo quatro e cinco do Apocalipse. Em segundo lugar, Babilônia, Roma é arrogante e excessiva na sua riqueza, mesmo à custa de outras nações.

Babilônia, Roma é retratada como desejando riqueza e luxo, como tendo sede de cada vez mais bens materiais e fazendo-o, mesmo que isso signifique explorar outras nações e até as suas próprias províncias. Além disso, este poderia ser o terceiro, mas além da questão da riqueza, eles também estão, juntamente com o seu próprio desejo de acumular riqueza e o seu próprio consumo de luxo excessivo, também fizeram com que outras nações cometessem adultério. com eles, aprisionando-os e induzindo-os a cometer adultério que está envolvido no seu sistema econômico ímpio que visa exclusivamente o ganho egoísta da própria Roma. E depois, em terceiro lugar, Babilônia, Roma é culpada de violência extrema.

Eles mataram o povo de Deus. Eles são culpados do sangue dos santos, principalmente do povo de Deus, mas também culpados daqueles de outras nações que eles condenaram à morte. Para retratar isso, para descrever a Babilônia, o caráter de Roma e seu julgamento, o autor baseou-se em numerosos textos do Antigo Testamento, numerosos textos do Antigo Testamento, como Jeremias, mas também Ezequiel e Isaías que retratam o julgamento e a queda de outras nações históricas que foram culpadas do mesmo crime, do mesmo crime.

Assim, Roma é vista como uma combinação e emergente de todas essas características agora, da mesma forma que Deus condenou e julgou as cidades ímpias do passado. Mais uma vez, o seu povo pode ter certeza de que ele julgará outra nação perversa, ímpia e idólatra, na forma de Roma. E assim João pode ter certeza disso porque o Antigo Testamento lhe contou e forneceu um modelo para Deus julgar outros impérios idólatras, ricos e violentos.

E historicamente, Roma foi de facto julgada um século depois. E em um nível, Apocalipse 17 e 18 foi de fato cumprido na queda da Roma dos dias de João que ele estava enfrentando em seus dias. E assim Roma, que incorpora todos estes outros impérios, sofre agora o mesmo destino.

Então João interpreta isso através de outros textos proféticos do Antigo Testamento. Ao mesmo tempo, estou convencido de que provavelmente, e apenas para fazer um breve comentário sobre como entendemos Babilônia e Roma, João está claramente a apontar as suas armas para a cidade de Roma, o império do seu tempo, e os imperadores. Não creio que haja qualquer dúvida sobre isso.

Mas já vimos isso antes. Particularmente quando chegamos aos 17 e 18, torna-se evidente que João colocou o julgamento de Roma, a cidade de Roma do primeiro século, contra o pano de fundo do julgamento de Deus sobre o mundo em geral. E no geral, poderíamos dizer a cidade do fim dos tempos, a cidade talvez representando o mundo inteiro em oposição a Deus.

Portanto, não é que João veja Roma e preveja uma sucessão de impérios. Não é que João pense que possa haver um longo intervalo entre Roma e o julgamento final. Mas a questão é que João tem de ajudar os seus leitores a ver a natureza da situação e, de uma forma verdadeiramente apocalíptica, a descobrir a verdadeira natureza de Roma e dar-lhes uma perspectiva sobre a sua situação.

João não apenas vê e interpreta a situação da Roma do primeiro século, mas provavelmente retrata sua destruição contra o pano de fundo mais amplo da destruição final dos inimigos de Deus e do julgamento final da terra e do mundo, que veremos que João fará. Para avançar, vá imediatamente para o capítulo 19, por exemplo, daqui a pouco. Portanto, provavelmente deveríamos ver Roma e a sua destruição como, sim, historicamente cumpridas na Roma do primeiro século. Mas, novamente, ao usar uma imagem, Babilônia, que tem uma história no Antigo Testamento, é quase como se João tivesse usado um símbolo que tem seu tipo de arquetípico ou que fornece um modelo que eventualmente abrangerá o mundo inteiro, que Deus e Seu Cordeiro, Jesus Cristo, acabarão em um julgamento final.

Assim, a Roma do primeiro século é agora retratada no contexto mais amplo do julgamento final de Deus sobre o mundo inteiro. Agora, a conclusão da queda de Babilônia é encontrada nos capítulos 19 e versículos 1 a 6. E então, nos versículos 6 a 10, teremos um hino final cantado e uma transição. Na verdade, o versículo 6 poderia acompanhar os versículos 1 a 5 porque é um hino final que é cantado.

Mas então os capítulos 9 e 10 proporcionarão uma transição, uma espécie de conclusão para a cena do julgamento da Babilônia Roma e fornecerão uma transição para a próxima cena que começa em 1911, que é o julgamento final. Mas em 19, 1 a 6, em 1820, acabamos de ver que os santos foram instruídos a se alegrarem com a

queda de Babilônia. Todo o céu, os profetas e os apóstolos estão agora todos regozijando-se com a queda da Babilônia, embora não diga nada sobre isso.

Mas aqui, acho que a alegria deles se expande. Então deixe-me ler 19 e 1 a 6. Depois disso, isto é, depois dos eventos que ele viu em 18, ouvi o que parecia ser o rugido de uma grande multidão no céu gritando: aleluia, salvação, glória e poder pertencem ao nosso Deus. , pois verdadeiros e justos são seus julgamentos. Ele condenou a grande prostituta que corrompeu a terra com os seus adultérios.

Ele vingou dela o sangue de seus servos. E novamente, eles gritaram, aleluia, a fumaça dela sobe para todo o sempre. Os 24 anciãos e quatro seres viventes prostraram-se e adoraram a Deus, que estava sentado no trono, e clamaram, amém, aleluia.

Então veio do trono uma voz que dizia: Louvai ao nosso Deus, todos os seus servos, vós que o temeis, tanto pequenos como grandes. Então ouvi o que parecia ser uma grande multidão, como o rugido de águas turbulentas e como fortes estrondos de trovão gritando: aleluia, pois nosso Senhor Deus Todo-Poderoso reina. Alegremo-nos e alegremo-nos e demos-lhe glória.

Pois são chegadas as bodas do Cordeiro e a sua noiva já se preparou. Linho fino, brilhante e limpo foi-lhe dado para vestir. O linho fino representa os atos justos dos santos.

Agora, então estes parecem ser os hinos que lá no capítulo 8, versículo 20, todo o céu deveria clamar e se alegrar. Agora encontramos todo o céu clamando e se regozijando na forma de uma grande multidão, na forma dos 24 anciãos e dos quatro seres viventes, na forma de uma voz do trono, agora clamando em louvor. Observe, curiosamente, o movimento.

Começa com uma grande multidão no início do versículo 19, o que parecia ser o rugido de uma grande multidão. Então, no versículo 4, isso é reduzido aos 24 anciãos e quatro seres viventes. E ainda mais no versículo 5, uma voz que vem de um trono.

E então se amplia novamente nos versículos 6 a 8 para outra grande multidão, onde em uma cena culminante, agora você tem uma voz que soa como o rugido de água corrente e o estrondo de um trovão. Portanto, observe o movimento de mais amplo para muito estreito, a voz do trono e recuando para abranger uma voz como uma grande multidão, soando como água corrente e trovão. A função principal disso, então, o tema principal também do versículo 18, é interpretar melhor o julgamento que ocorreu até agora, indicando o regozijo e o louvor dos santos.

Observo também que tudo o que quero fazer é demonstrar como ele aborda alguns dos principais temas do capítulo 18. Por exemplo, observe que o julgamento de Deus

é descrito como santo e justo. Portanto, o que acontece nos capítulos 17 e 18 deve ser descrito como resultado do caráter santo e justo de Deus.

Nesta base, ele agora age para julgar um império perverso e ímpio. Em segundo lugar, observe novamente a repetição da razão deste julgamento, que são os crimes da Babilônia ou os pecados da Babilônia. Eles corromperam a terra através das suas práticas idólatras e através do seu desejo de riqueza.

E eles lideraram e seduziram outros a participarem disso. Terceiro, observe a ênfase em Deus vingando o sangue dos seus santos. Isso provavelmente liga o texto não apenas à oração dos santos que vimos várias vezes, particularmente misturada com incenso que o anjo derramou no capítulo 8, mas também ao clamor dos mártires no capítulo 6, versículo 10.

Quanto tempo, oh Senhor, até que você vingue nosso sangue, até que você nos justifique. Agora Deus justifica o seu povo vingando os seus inimigos, julgando os seus inimigos. É interessante que até agora vimos principalmente a vindicação em termos de Deus julgando os inimigos do seu povo, vingando o seu sangue.

Aqueles que perseguiram o povo de Deus, aqueles que os mataram, aqueles que tentaram destruí-los por causa do seu testemunho fiel, agora Deus responde vindicando-os, trazendo julgamento sobre eles. Esse tem sido um tema dominante até agora. No entanto, uma parte do processo de vindicação que ainda não vimos, pelo menos claramente, é que Deus responderia a eles de forma positiva.

Isso não significa que ele apenas julgaria negativamente seus inimigos, mas Deus os defenderia recompensando-os. Já vimos indícios disso, por exemplo, no capítulo 7, um pouco também no capítulo 14 e no capítulo 15, onde os santos são vitoriosos no mar, tendo se recusado a se submeter à besta e a adorar sua imagem. Agora, os santos são vitoriosos à beira-mar num novo êxodo.

Portanto, já tivemos visões de Deus vindicando seus santos, não apenas julgando e punindo seus inimigos que os perseguiram e os mataram, mas agora também recompensando-os, vindicando-os por meio de recompensa, recompensando-os dando-lhes sua herança. Veremos que o lado positivo da sua vindicação será então articulado com mais detalhes, começando com o capítulo 20 e avançando também para o capítulo 22. Então, o clamor dos santos interpretando os eventos dos capítulos 17 e 18, ou o louvor dos santos aqui nos versículos 1 a 6, na verdade 1 a 8, versículo 6, o clamor final, versículos 7 e 8, são o conteúdo de que.

Deus vingou agora o sangue dos seus santos, punindo e julgando aqueles que os prejudicaram e que os mataram. Então, finalmente, observe também a linguagem do julgamento. Desenho no capítulo 18, versículos 8 e seguintes, e refletindo o texto do

Antigo Testamento de Isaías capítulo 34 e 9 e 10, esta linguagem de fumaça subindo, de queima, como símbolo de julgamento.

E agora isso é descrito como o julgamento eterno, como a base, novamente, para o regozijo dos santos. Assim, todos os temas do caráter de Deus, sua santidade, justiça e retidão, como base para seu julgamento, o pecado da Babilônia em seu próprio luxo excessivo, mas causando e seduzindo nações a se envolverem nisso, o desejo de Deus de vingar seu punindo seus inimigos e, em seguida, retratando o julgamento em termos de fumaça subindo, tudo isso é simplesmente uma continuação de temas que já foram apresentados na narrativa do julgamento e destruição da Babilônia nos capítulos 17 e 18. Um outro Em questão, algumas outras observações sobre este hino final nos versículos 6, 7 e 8 são: observe que a referência ao Todo-Poderoso começou a reinar.

Este, já dissemos, é um tema muito significativo. Na verdade, isso quase repete literalmente o que encontramos no sétimo selo, ou na sétima trombeta no capítulo 11, versículo 17, que nos levou até o fim, que foi uma espécie de antecipação ou instantâneo do dia final do Senhor. , onde o reino do mundo agora se tornaria o reino de Deus. Agora vemos esse tema reiterado no versículo 6, o Senhor Deus Todo-Poderoso reina.

Isto é, finalmente, o reino de Deus e a sua vontade no céu finalmente abrangeram a terra. O reino deste mundo agora se tornou o reino de Deus, e Deus agora reina vitorioso sobre todas as coisas. Em cumprimento, dissemos, dos capítulos 4 e 5, onde a soberania de Deus é reconhecida no céu, deve ser trabalhado na terra.

Agora, descobrimos que com a destruição da Babilônia, o reino da Babilônia foi removido. O reino da terra não pertence mais à Roma Babilônia, mas agora pertence a Deus, que é o rei soberano todo-poderoso sobre todo o universo. Dissemos que uma das perguntas que o Apocalipse responde, uma das principais questões é: quem está no controle? Quem é o governante soberano de todo o universo? É Babilônia? É Roma? Ou alguma outra cidade histórica? Ou é apenas Deus? E agora o reino de Deus na terra, o reino de Deus no céu, desceu à terra.

Vemos também outro tema significativo que será retomado mais tarde, que é a consumação das promessas de Deus ao seu povo, e aqui começamos a ver o aspecto positivo da vindicação; As promessas de Deus ao seu povo são agora entendidas em termos de um banquete de casamento. Nos versículos 7 e 8 do capítulo 19, chegaram as bodas do Cordeiro, e sua noiva se aprontou, e foi-lhe dado o linho fino, o linho branco brilhante. Agora, o autor muda para imagens de banquetes, como imagens de banquetes de casamento, nos versículos 7 e 8. O que está por trás disso é provavelmente mais uma vez as imagens do Antigo Testamento, onde Israel era retratado como a noiva de Yahweh, e Yahweh era seu marido, e creio que isso

fornece o pano de fundo para esse retrato, esse retrato escatológico do casamento do fim dos tempos entre Deus e seu povo.

Embora agora distinto do texto do Antigo Testamento, o povo de Deus não está mais limitado ao Israel étnico do Antigo Testamento, mas agora inclui pessoas de todas as tribos, línguas, nações e idiomas, centrados em torno do Messias Jesus Cristo, e agora se tornam sua noiva. Um dos textos que provavelmente fornece a base para isso é um texto que ocorrerá mais tarde em Apocalipse, e é Isaías capítulo 61. Isaías é bem conhecido por usar imagens nupciais, linguagem de casamento e linguagem nupcial para descrever o tempo escatológico do fim de Deus. relacionamento com seu povo. Um desses textos é Isaías capítulo 61, e no versículo 10, Isaías capítulo 61 e versículo 10, tenho grande prazer no Senhor, porque a minha alma se alegra no meu Deus, porque ele me vestiu de vestes de salvação, e me vestiu de um manto de justiça, como um noivo que adorna a cabeça como um sacerdote, e como uma noiva que se adorna com jóias.

Então essa linguagem aqui de uma noiva se enfeitando, e ora sendo retratada como uma noiva preparada para o casamento, e ora apresentada ao noivo, que é Jesus Cristo, agora atinge seu clímax e cumprimento, como antecipado em Isaías. Mas, como sugerimos, a diferença é que agora o povo de Deus não é apenas o Israel étnico, mas inclui Israel, mas também inclui pessoas de outras nações que agora são a noiva do Cordeiro. As vestes brancas, o autor interpreta como os feitos dos santos, provavelmente as vestes brancas novamente aqui significam sua pureza, o fato de terem permanecido imaculados do domínio romano, participando de suas práticas adúlteras e idólatras, ao contrário das nações que eram. seduzido a cometer adultério com Roma.

Agora, o povo de Deus, em vez de ser adúltero, é apresentado como a noiva do Cordeiro, Jesus Cristo, e agora veste as roupas que demonstram a sua vitória, a sua pureza e a sua justiça enquanto estão diante de Jesus Cristo. A linguagem aqui também de um banquete de casamento pode refletir esta noção de um banquete de casamento como símbolo da salvação escatológica e também pode refletir as parábolas de Jesus. O capítulo 22 de Mateus, Mateus 22:1-14, é uma parábola de um banquete de casamento e daqueles que são convidados para ele.

Mateus capítulo 25 é a conhecida parábola das dez virgens, cinco tolas, cinco sábias, no contexto da preparação para um casamento. Assim, a linguagem do banquete, embora provavelmente também tenha origem em outro lugar, pode ser outro exemplo do contato de João com a tradição de Jesus, e com o próprio ensinamento de Jesus, e seu ensinamento sobre o banquete de casamento escatológico como um símbolo de sua salvação escatológica final. Outra semelhança que João pode estar recorrendo, ou pelo menos ciente, é o que Paulo faz com a metáfora também em Efésios capítulo 5, onde o relacionamento entre marido e mulher se torna um

modelo para o relacionamento entre Cristo e sua igreja, como seu noiva que ele preparará, a qual apresentará diante dele santa e irrepreensível.

Essa pode ser a imagem que encontramos aqui. A imagem de uma noiva num banquete de casamento simboliza claramente a intimidade, a intimidade e o relacionamento próximo e a comunhão entre o povo de Deus e o Messias, Jesus Cristo. Duas coisas finais para encerrar esta seção.

Observe o versículo 9, a ordem para escrever. Uma ordem semelhante é encontrada em todo o Apocalipse. Você encontra isso diversas vezes em Apocalipse.

João é ordenado a escrever. Não está claro se ele está realmente escrevendo enquanto vê essas coisas, ou apenas mais tarde, depois de ver essas coisas, é para garantir que ele as escreverá. Não importa qual seja o caso, a ordem de escrever é simplesmente uma forma de afirmar a importância do que João vê e do que João ouve.

E então, finalmente, no versículo 10, encontramos aquela cena interessante onde João é tentado a se curvar e adorar o anjo que o conduziu nesta viagem visionária pela destruição da Babilônia. E o que é intrigante é a resposta do anjo: Não me adore; Sou apenas um servo, então adore a Deus. Você encontra esta cena ocorrendo duas vezes; isso ocorrerá novamente no capítulo 22.

E vimos que o significado disso é que no contexto do capítulo 5, onde o Cordeiro é adorado ao lado de Deus, como isso não pode contradizer um ambiente que é exclusivamente monoteísta? O anjo diz, por mais exaltado que seja um ser angelical, o anjo ainda diz, não me adore. Assim, por mais exaltado que seja um ser angélico, nada mais é digno de adoração, exceto somente Deus, o que gera um monoteísmo estrito. Existe apenas um Deus que é digno de adoração.

Adorar qualquer coisa, por mais exaltado que seja um ser angelical, adorar qualquer outra coisa é idolatria. Mas como pode, no contexto de declarações como essa, como pode você ter uma cena como o capítulo 5, onde o Cordeiro é adorado com a mesma linguagem e a mesma adoração que Deus foi no capítulo 4 e acaba sentado no mesmo trono, a menos que em de alguma forma, Jesus Cristo, o Cordeiro, é o próprio Deus? Para que o Cordeiro possa ser adorado sem violar o monoteísmo que ainda está por trás do livro do Apocalipse. Então agora isso nos prepara para uma cena de batalha final no capítulo 19, versículos 11 a 21.

Em nossa seção de Atos, veremos esses versículos e veremos de maneira geral qual é a função dessa cena de batalha, mas com mais detalhes, veremos algumas das características da cena de batalha final no capítulo 19, versículos 11 a 21.

Este é o Dr. Dave Mathewson em seu curso sobre o livro do Apocalipse. Esta é a sessão 24, Apocalipse capítulo 18:9-19:10, O Lamento e Alegria pela Queda de Babilônia.